

## ARQUIVOS UNIVERSITÁRIOS: PARA QUE?

RAQUEL GLEZER  
FFLCH/USP

### RESUMO

GLEZER, Raquel. Arquivos Universitários: para que?  
*Trans-in-formação*, 1(3) , set/dez, 1989.

*Apresenta reflexões sobre as lacunas e dificuldades existentes nos arquivos universitários, sua relação com o significado de prestação de contas à sociedade sob a forma de preservação e organização do acervo documental, bem como manifesta preocupação com o respeito ao saber, ao conhecimento desenvolvido e ao trabalho intelectual realizado.*

**Unitermos:** arquivo, universidade, informação

- "Corre! Corre! - gritava a Rainha. Mais depressa! Mais depressa!...
- Ora essa, acho que ficamos sob essa árvore o tempo todo! Está tudo igualzinho!
- Claro que está- disse a Rainha. - O que você esperava?
- Em, **no**ssa terra- explicou Alice, ainda arfando um pouco - geralmente se chega noutra lugar, quando se corre muito depressa e durante muito tempo, como fizemos agora.
- Que terra mais vagarosa! - comentou a Rainha. - Pois bem, **aqui**, veja tem de se correr o mais depressa que se puder, quando se quer ficar no mesmo lugar. Se você quiser ir a um lugar diferente, tem de correr pelo menos duas vezes mais rápido do que agora" (Carrol, 1977).

"Making mistakes is part of science. But blindly denying the possibility of errors goes against the heart of the scientific method" (Times, 1991).

A solicitação de escrever sobre 'arquivos universitários' - objetos inexistentes em nossa realidade acadêmica provocando uma estranha viagem, que somou tentativa de reencontrar as sensações do início do curso de graduação em História, tão distante agora; leituras variadas, que incluíam desde a bibliográfica clássica de domínio de especialista em Metodologia, Historiografia e Teoria da História, até romances policiais e romances de ficção científica; experiências de pesquisa, experiências de trabalho em arquivos, reflexões sobre Universidade e função social, relação dela com a sociedade, produção de conhecimento científico e ética de pesquisa, avaliação de produção e desenvolvimento de trabalho científico.

O primeiro contato com 'arquivos' foi ao iniciar o curso de graduação em História, as visitas aos 'Arquivo do Estado', 'Arquivo da Prefeitura' - sensação de encontrar um mundo fascinante, tanto quanto o das bibliotecas! Percorrer os espaços, consultar fichários e bibliotecas especializadas!

Ao iniciar os trabalhos escolares de pesquisa, o encontro com a realidade: hoje, quase que do mesmo modo que antes, arquivos estão sobrevivendo em condições adversas, em meio inóspito e inimigo. As dificuldades de manutenção dos acervos arquivísticos, o desrespeito ao patrimônio público, o desconhecimento sistemático que acesso à informação é direito de cidadania, são os mesmos há tantos anos.

Nas leituras especializadas, principalmente sobre a formação de pesquisadores em História, o encontro com a diferença e desigualdade. Foi em um livro especializado sobre a História que encontrei pela primeira vez a informação da existência de 'arquivos de pesquisadores' que tinham acesso público ou restrito, mas que deveriam existir para permitir o desenvolvimento do conhecimento científico (Hockett, 1955).

Em vários outros livros havia citações sobre 'arquivos de pesquisadores' localizados em uma ou outra instituição, tal como o de Lord Acton.

Nas leituras de policiais, nos crimes de laboratório sempre apareciam as 'cadernetas de cálculo', 'cadernetas de anotações de desenvolvimento de experiências', que quando encontradas e lidas pelo sagaz detetive, permitiam a identificação do criminoso.

Nos livros de ficção científica sempre aparecem os misteriosos 'arquivos', com as informações guardadas, sob as formas mais variadas: livros, pergaminhos, objetos misteriosos, cristais, computadores etc etc - qualquer forma de armazenamento de informações e dados - sempre considerados significativos, devendo mesmo ser preservados a qualquer custo (Miller Jr, s/d).

Todo esse acúmulo de informações esparsas, guardadas na memória devem ter influído, e muito, na tentativa de trabalhar em arquivo e com

arquivo, uma experiência fascinante de permuta de posicionamento - de usuária de arquivo em arquivista.

No trabalho com 'arquivo intermediário' e 'arquivo histórico', as dificuldades de apresentar à sociedade o trabalho desenvolvido, de transformar arquivos em locais de pesquisa, de prestação de serviços públicos, em plena acepção do termo, se apresentaram e foram experiências valiosas, inclusive para o questionamento da noção de cidadania - sempre limitada quando ao cidadão é vedado o acesso à informação.

Muitas das lacunas e dificuldades existentes nos arquivos podem ser atribuídas à não sedimentação do conceito de cidadania, tanto entre os governantes como entre os governados.

Por sua vez, os cursos de formação de pesquisadores, que são os cursos de graduação tal como existem, também sobrevivem de forma precária, com instalações físicas deficientes, acervos bibliográficos limitados, restritos, defasados das linhas editoriais mais recentes. Pobreza de acervos bibliográficos, escassez de instrumentos de pesquisa, pouca divulgação do trabalho desenvolvido são tão usuais, tão constantes do dia a dia dos cursos de graduação, que após algum tempo, sequer são comentados. Afinal de contas, após muitas batalhas, conseguimos manter os cursos de graduação especializados, lutando contra as chamadas 'reformas educacionais' da década de 70, que pretendiam a extinção deles, favorecendo cursos 'polivalentes' ou de 'curta duração'.

Mas a manutenção dos cursos de graduação específicos não permite, por outro lado, a formação de 'arquivos universitários'.

Todos nós sabemos que as instituições universitárias mantêm arquivos: arquivos burocráticos, controladores do dia do funcionamento da instituição, e que devem funcionar, de forma presumível, mas por inércia do que por pulsão.

Mas, não sabemos o que fazem elas com a documentação, quando esta ultrapassa a vida legal. Serão guardadas em algum local? Armazenadas? Destruídas?

Se instituições de pesquisa por excelência não se preocupam com seus arquivos, que dizemos de outras tantas?

Podemos dizer que as instituições universitárias brasileiras são tão recentes que nem se preocupam ainda com seu acervo arquivístico, com honrosa exceção da Universidade Federal de Uberlândia, em Minas Gerais, que passou seu acervo para o Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica.

Mas não estou só preocupada com o acervo arquivístico da Universidade como instituição, que deveria ser organizado e cuidado. Claro que os acervos arquivísticos multi-seculares de renomadas universidades estrangei-

ras foram se formando paulatinamente, lentamente, no decorrer de sua existência.

Espero que alguma autoridade administrativa universitária perceba, em tempo, o significado de prestação de contas à sociedade sob a forma de preservação e organização do acervo documental.

Estou preocupada, e muito, com outros tipos de 'arquivos universitários', cuja inexistência prejudica o desenvolvimento do conhecimento científico, o processo de formação de pesquisadores inciantes, a exigência da ética da pesquisa, o rigor diante da propriedade intelectual. Refiro-me aos 'arquivos de curso', 'arquivos de disciplina', 'arquivos de trabalhos de alunos de graduação', 'arquivos de trabalhos de pós graduação', 'arquivos de pesquisadores'.

Considero mesmo que a preocupação, tão de nossos dias, com a 'modernização', 'atualização', perfil da instituição universitária, seu relacionamento e inserção na sociedade, dependem mais da criação de 'arquivos universitários' do que da atuação forçada dos administradores.

Enquanto 'arquivo' estiver associado, em nossas idéias, com o acúmulo de papéis velhos, não mais úteis, local de espaço perdido, sítio escolhido para 'deposição' de funcionários 'enconstados' em qualquer outro lugar, muito pouco poderá ser concretizado na área de prestação de contas à sociedade dos recursos investidos.

Claro que os Relatórios de Atividades são uma forma de prestação de contas, que afinal surgiram em nossas instituições, embora não substituam os Anuários.

A inexistência de 'arquivos universitários' especializados em cursos, disciplinas, trabalhos de alunos e trabalhos e pesquisadores prejudica o processo de formação do pesquisador, inibe o desenvolvimento do respeito pelo trabalho intelectual, dificulta a especialização em projetos com continuidade, enfim, todas as atividades e atitudes que tenham como pré-requisito a continuidade.

Quase todos os orientadores já passaram pela experiência de receber um jovem iniciante em pesquisa, que sem nenhum acesso ao que faz parte do acervo de conhecimentos, se propõe a refazer uma pesquisa, uma trajetória de pesquisa - na verdade, sem o saber, está correndo muito para ficar no mesmo lugar.

Também a não existência de arquivos de cursos dificulta a percepção e análise das transformações decorridas: quão diferentes foram os cursos em seus diversos momentos? A falta de documentação, a impossibilidade de recorrer rapidamente aos textos, programas, docentes, produções fazem que os cursos vivam mais no mito do 'passado glorioso' do que na análise crítica de sua trajetória.

Arquivos de disciplina evitariam, ou pelo menos, diminuiriam os casos de plágio não intencional, onde textos, análises, experiências de docentes utilizadas em aulas são apropriadas, sem indicação de fonte ou utilização inicial.

Quanto de nós encontramos em outros textos aquela sensação de que as frases não nos são desconhecidas; material, decorrente de uma pesquisa pessoal, que reaparece utilizado; algumas das reflexões apresentadas não nos soam como estranhas ao nosso trabalho?

Afinal de contas, do trabalho desenvolvido nos cursos de graduação não existe outro registro que o acervo pessoal do docente, as anotações de alunos, o material por ventura distribuído.

Pelo menos, o registro de trabalhos de alunos, tanto os da graduação quanto os de pós-graduação indicaram o respeito à propriedade intelectual, a valorização do trabalho de pesquisa.

Talvez assim o mito do 'alunado melhor' pudesse ser analisado. Como as comparações atuais são realizadas com base em impressões subjetivas, visto que não há registros, todas as afirmações acabam caindo na categoria de juízos de valor. Alunos 'melhores' ou 'piores' só podem ser analisados com fundamentação científica, com registros, com base documental e regras científicas - o que se presume que Universidades possam fazer.

Da mesma forma que não se concebe laboratórios de pesquisa sem a tradição de registros, que possam ser consultados, reconferidos quando questionados, apresentados em caso de resultados considerados duvidosos ou questionáveis, apresentados em caso de resultados considerados duvidosos ou questionáveis, não se concebe curso universitário sem 'arquivo universitário'.<sup>(1)</sup>

'Arquivos universitários' devem existir e ser preservados, pois indicam o respeito ao saber, ao conhecimento desenvolvido, ao trabalho intelectual realizado, e, são, acima de tudo, um direito de cidadania.

Falamos muito em prestação de contas à sociedade, em inserção na sociedade, mas enquanto o produto de nossa atividade ficar oculto, guardado em reduto inacessível, muito pouco resultará.

Muitos colegas dirão que um bom sistema de publicação resolveria; a formação de grandes bancos de dados solucionará, no futuro, a questão; os modernos sistemas de comunicação evitarão problemas como a duplicação de pesquisas.

Acredito, por experiência de trabalho em arquivos e pesquisa, que sem registros documentais, sem a criação de ética de pesquisa, sem respeito à propriedade intelectual acabaremos formando 'manipuladores de caixas pretas', talvez até bons manipuladores, mas não cientistas, produtores de

conhecimento, inseridos na sociedade e a ela prestando contas dos recursos investidos.

Nesse momento, deixaremos de correr muito para ficar no mesmo local, e as notícias sobre laboratórios no exterior não nos soarão tão exóticas. As falsas questões sobre o 'melhor alunado', o 'mito do passado glorioso', a falsa dicotomia entre ensino e pesquisa adquirirão então sua face verdadeira, e deixarão de ser questões pertinentes a mundo universitário, que estará diante da sociedade de corpo inteiro e íntegro.

## SUMMARY

GLEZER, Raquel. *University's archives: what for?*

*Trans-in-formação*, 1(3): sept/dec., 1989

*Present reflexions about the gap and difficulties in the university' archives and its relation with the meaning of account for the community in form of preservation and organization of the documental collection, and considerations about the knowing respect, developed acknowledged and the intelectual work done.*

**Key words:** *archives, university, information*

## REFERÊNCIAS

1. CARRLL, Lewis. **Através do espelho e o que Alice encontrou lá.** Rio de Janeiro: Fontana/Summus, 1977. p.155.
2. **Times International**, 137(13): 35, 13 april 1991.
3. HOCKETT, H.C. **The critical method in historical research and writing.** ew York: MacMillan., 1955.
4. Vide ASIMOV, I. **O hábito da morte, e outros.**
5. Vide especialmente MILLER Jr, W. **Um cântico para Leibowitz e a tetralogia de ASIMOV, I. Fundação.**

(1) *Vide casos de laboratórios de reputação internacional que estão tendo seus registros reverificados e reconferidos nos casos de discussão sobre atribuição de créditos de descobertas científicas, especialmente nas disputas sobre patentes e financiamentos de pesquisa.*